



Dra. Saula Hamad Farias

*é membro titular do CBR e
cronista*

Dúvida Cruel

Temos um pouco de sacerdócio no nosso dia-a-dia. Sim, pois todos, em algum momento, fomos alvo de confissões desajeitadas, de perguntas íntimas, como se o médico fosse um padre que ouve e guarda os mais escabrosos segredos.

Certo dia adentrou na sala de ultra-sonografia uma paciente que iria se submeter a um exame gestacional. Estava ansiosa, ofegante e nervosa. Mal coloquei o transdutor no seu ventre ela quis logo saber:

- E aí doutora, com quantas semanas estou?

- Calma, vou ver o neném com atenção e no final te falo a idade.

- Se a senhora não me falar logo acho que vou passar mal antes do final do exame.

Diante de tanta angústia, resolvi ir para os finalmente.

- Quatorze semanas.

- Não é possível o que vai ser de mim, onde eu estava com a cabeça...

Não precisei nem me esforçar para não parecer curiosa com a razão de tamanho desespero, pois ela, provavelmente já avistando a batina do padre foi logo confessando.

- Doutora, meu marido estava viajando a trabalho, ficaria dois meses fora. Nesse período fiz um programa incomum para meus

hábitos de mulher casada. Saí com uns colegas do trabalho, uma turma que gostava de curtir a vida, do tipo que “deixa a vida nos levar” e me levaram junto. Depois de uns tragos a mais e sanidade de menos, sabe como é que é, saudade do marido, carência, cerveja que descia (e me deixou) redonda, pintou um clima com um deles. E a desgraça se fez.

- Sempre fui difícil de engravidar, tenho ovários policísticos, menstruação irregular e só me dei conta da enrascada quando fui ao ginecologista que me deu a notícia e a provável data do parto.

- Meu marido está eufórico, feliz, mas, como vou explicar que uma criança que nasceu (Deus queira que sim) forte, grande e robusta é um prematuro de 7 meses?

Fiquei atônita com tal relato e na minha condição ética argumentei que era um absurdo ela esconder.

- Você não pode fazer isso com a criança e com o seu marido.

- Eu não posso é falar para ele, que é tão bom para mim, que ele é um chifrudo.

- Pior é esconder da criança que o pai dele é o chifrudo.

Depois de tanta intimidade perguntei as características dos dois para saber a dimensão do problema.

- Ih, meu marido é branquinho, do cabelo bem lisinho e meu amigo é escurinho, do cabelo enroladinho. Mas era tão gostosinho...

Resolvi encerrar o exame, desejei boa sorte e esqueci o caso.

Três anos depois, passeando num shopping, avistei o trio: minha paciente (que esboçou um sorriso de cumplicidade), o marido branquinho e um garoto bem moreninho, do cabelo enroladinho.

Ela nunca mais retornou para tirar minha dúvida: o amor foi cego ou todo chifrudo é mesmo manso?